

IGREJA E BRUXARIA: O MEDO COMO CONTROLE SOCIAL

Gabriela Yuri Araujo Oyama (PIC/UEM), José Carlos Gimenez (Orientador). E-mail: jcgimenez@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Maringá, PR.

7.05.00.00-2 História - 7.05.02.00-5 História Antiga e Medieval

Palavras-chave: Religiosidade medieval; Bruxaria; Perseguição.

Resumo

O presente trabalho apresenta resultados parciais de um Projeto de Iniciação Científica que investiga a correlação entre a figura da bruxa na Baixa Idade Média e a criança, presente na obra *Malleus Maleficarum* (1484), de Heinrich Kramer e James Sprenger. Tendo como referências as obras *O Nascimento da Bruxaria* (1995) de Carlos Nogueira, *A História da Bruxaria* (2019) de Jeffrey Russell e Brooks Alexander e *Incubos y Súcubos* (1977) de Frederik Koning, pretendemos analisar, neste primeiro momento, a influência da cultura do medo na sociedade medieval. Como resultado, percebemos que a integração do sobrenatural no imaginário cristão contribuiu para a constituição de uma visão maniqueísta do mundo, onde o Mal era constantemente combatido. Crises como a Peste Negra, as guerras, os períodos de fome e os conflitos religiosos dos séculos XIV e XV ampliaram a crença na existência do Mal, levando os representantes da Igreja Católica a usarem o medo para justificar o uso da violência contra supostos agentes de Satã, encontrados, sobretudo, nas mulheres. Assim, o estudo destaca como o medo e a opressão foram empregados para reforçar o controle social e religioso, gerando um legado de perseguição que transcende a Baixa Idade Média.

Introdução

A bruxaria, como fenômeno histórico e cultural, tem fascinado e perturbado sociedades ao longo dos séculos. No contexto da Europa medieval, esse fenômeno emergiu não apenas como uma prática mágica, mas como um conceito amplamente moldado pelas crenças religiosas e sociais da época. Franco Cardini na obra *Magia, brujería y superstición en el Occidente medieval* (1982), afirma que a bruxaria medieval é caracterizada pela fusão de antigas crenças pagãs e elementos da heresia católica, e, a partir desta mescla, criou-se uma figura demonizada pela Igreja, que via na bruxaria uma ameaça tanto espiritual quanto social.

Ao estudar acerca desse fenômeno, é essencial investigar o contexto histórico da época para compreender como determinados fatores socioeconômicos e crenças contribuíram para a emergência da bruxaria enquanto prática ameaçadora que possibilitou o massacre de muitas pessoas.

Nesse sentido, é importante considerar a ampla influência da Igreja Católica para a estruturação da referida sociedade, uma vez que ela foi profundamente marcada por sua doutrina, desempenhando um papel central na definição dos valores, normas e comportamentos da época (Nogueira, 1995). Assim, ao estudar a história da bruxaria, também estamos investigando a influência do cristianismo no imaginário social dessa sociedade e suas implicações socioculturais.

Metodologia

A fim de compreender as motivações subjacentes à formulação do conceito de bruxaria, privilegiamos, em primeiro lugar, a realização de uma revisão bibliográfica abrangente sobre o tema. Esta revisão inclui a consulta de obras que oferecem uma visão teórica sobre o surgimento da bruxaria, como *O Nascimento da Bruxaria* (1995) de Carlos Nogueira, e *A História da Bruxaria* (2019) de Jeffrey Russell e Brooks Alexander. Além disso, para elucidar o papel do Diabo na concepção cristã, recorreremos à obra *Íncubos y Súcubos* (1977) de Frederik Koning.

Resultados e discussão

O cristianismo, cuja influência no pensamento medieval e moderno é indubitável, possui como um de seus aspectos centrais a concepção de que o Mal está constantemente à espreita para corromper a humanidade. Em resposta a essa ameaça, a Igreja Católica utilizou diversos recursos para combater e conter a manifestação do Mal, culminando em um período de perseguições, violências e mortes; fenômeno historicamente conhecido como caça às bruxas.

Essa necessidade de proteção contra ameaças, que transcende as respostas físicas e conscientes, revela-se como uma constante na história. Desde os primórdios da existência humana, o impulso para se defender não apenas no plano consciente, mas também por meio de reações inconscientes, constitui um dos elementos essenciais da condição humana. Para Koning (1977), a história pode ser interpretada como a história de suas angústias e dos efeitos dessas ansiedades no comportamento humano. Dessa forma, desde tempos antigos, a humanidade detém a percepção de que o mundo invisível não é suficiente para elucidar todos os distúrbios físicos. Segundo o autor, essas forças inexplicáveis foram categorizadas em entidades maléficas e benéficas, promovendo uma concepção metafísica pelo homem.

Para além de correlacionar a história com a narrativa de suas aflições, Koning (1977) estabelece também uma conexão com a história do embate entre o bem e o mal. Em todas as culturas, conforme o autor, há uma personificação do mal, uma vez que as ameaças representadas por forças desconhecidas suscitam angústias na psique humana. A seu ver, a aflição causada por elas é muito mais “difícil de suportar, e muito mais destrutiva para a sua necessária harmonia interna, do que as ameaças que, de alguma maneira, são ao menos parcialmente reconhecíveis” (p. 53, tradução nossa).

A cultura do medo se tornou uma característica marcante do Ocidente medieval, principalmente devido às transformações no universo mental promovidas

pela ascensão do cristianismo. Este período foi caracterizado por uma articulação entre a realidade concreta e o imaginário, mediada por “um universo invisível de seres sobrenaturais que, de uma maneira ferozmente maniqueísta, empenham-se num combate sem tréguas que só terminará com o *Armageddon*: a luta datada da própria Criação, entre o Bem e o Mal” (Nogueira, 1995, p. 11).

Essa atmosfera de medo intenso não foi uma constante na história da Igreja. A Igreja Primitiva possuía uma confiança inabalável em sua própria força. Como aponta Nogueira (1995), acreditava-se que, apesar do poder de Satanás, cada cristão possuía a capacidade de enfrentá-lo. Essa perspectiva mais otimista refletia-se também na catequização dos pagãos, onde se acreditava que, a cada conversão, o poder do Mal diminuía.

A catequização mostrou-se eficaz ao adaptar ou substituir as antigas divindades pela nova, por meio da transformação dos locais sagrados em espaços consagrados ao cristianismo; da adaptação de ritos tradicionais a uma nova perspectiva cristã; e da atribuição de caráter diabólico às divindades e lugares que não foram assimilados (Nogueira, 1995). Esse processo de transformação da cosmovisão ocorreu de maneira menos traumática, o que, por outro lado, contribuiu para a perpetuação de certos costumes tradicionais que, ao serem desvinculados dos antigos sistemas de crenças, acabaram se convertendo em superstições (Nogueira, 1995). Inicialmente, as reminiscências das antigas crenças não foram consideradas perigosas, levando a Igreja a adotar uma postura cética em relação às práticas mágicas, negando sua eficácia e associando-as a simples ilusões diabólicas.

No entanto, a persistência dessas práticas no meio cristão começou a abalar a autoconfiança dos clérigos, levando-os a reconhecer que o Mal estava longe de ser derrotado (Nogueira, 1995). A partir do século XIV, as atitudes da Igreja tornaram-se cada vez mais rigorosas, culminando em uma perseguição total a elas. Esse período de intensificação coincidiu com uma série de crises que se iniciaram com anormalidades agrícolas desfavoráveis e a Peste Negra, posteriormente acrescido de epidemias, fome e alta mortalidade. Paralelamente, no campo religioso e político, a Igreja enfrentava múltiplos desafios, como o combate às heresias, a Reforma Protestante e o surgimento dos estados absolutistas modernos, o que ampliou ainda mais sua necessidade de reprimir quaisquer desvios. (Nogueira, 1995).

Tais acontecimentos foram interpretados pela Igreja como evidências da presença do Mal no seio da sociedade, o que alimentou a ideia do surgimento de conspirações sobre a existência de agentes de Satanás infiltrados na comunidade. Assim, não tardou para a Igreja iniciar a busca pelos que considerava responsáveis, identificando-os principalmente nas mulheres, que já carregavam um histórico de associação ao malefício, além de consideradas moral e intelectualmente inferiores.

Profundamente influenciado pela cultura greco-romana, o cristianismo carrega em suas raízes um viés misógino que considera a mulher como um ser indigno. Essa visão depreciativa encontra respaldo na própria doutrina cristã, que reforça sua subjugação ao afirmar que a mulher foi criada a partir do homem, justificando, assim, sua posição de inferioridade. Ademais, na narrativa cristã, a mulher é

responsabilizada pela queda da humanidade, sendo vista como a cúmplice consciente de Satanás.

Com a ideia de que a mulher voluntariamente se submetia ao Diabo, os infortúnios da sociedade também recaíram sobre ela, especialmente as acusadas de bruxaria. Enquanto o Diabo representava uma força abstrata e intangível, a figura da bruxa surgia como a personificação concreta do mal, permitindo que a punição fosse dirigida a um indivíduo específico (Russell; Alexander, 2019).

Embora as crenças misóginas já existissem, elas se fortaleceram e foram difundidas com a publicação do *Malleus Maleficarum*. Essa obra, notória por seu desprezo em relação às mulheres, apresenta uma extensa discussão acerca das razões pelas quais as mulheres seriam mais propensas à bruxaria. Entre os motivos elencados estão a suposta perversidade feminina: por serem mais impressionáveis por natureza, “podem mais facilmente oferecer crianças aos demônios, o que de fato fazem” (Kramer; Sprenger, 2020, p. 158).

Conclusões

Ao entrelaçar crenças religiosas com práticas sociais e políticas, a Igreja Católica não apenas moldou o imaginário coletivo, mas também institucionalizou a perseguição a grupos considerados vulneráveis, como as mulheres. A obra *Malleus Maleficarum* exemplifica essa consolidação ao fornecer uma base teórica para a caça às bruxas.

Os resultados parciais desta pesquisa revelam o papel do medo como uma ferramenta de controle social utilizada pela Igreja, especialmente por meio da perseguição às bruxas. No entanto, há limitações a serem enfrentadas para a obtenção dos resultados, como a escassez de estudos que abordem diretamente a relação entre bruxaria e infância. Mas, apesar dessas limitações, e, embora não se pretenda esgotar o tema, o trabalho aponta caminhos que podem ser explorados em futuras investigações, contribuindo para a ampliação do conhecimento sobre o imaginário social da época.

Referências

CARDINI, F. **Magia, brujería y superstición en el Occidente medieval**. Barcelona: Ediciones Península, 1982.

KRAMER, H; SPRENGER, J. **Malleus Maleficarum: Martelo das Feiticeiras**. 29ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

KONING, F. **Incubos y Sucubos: el Diablo y el Sexo**. Espanha: Plaza & Janes, 1977.

NOGUEIRA, C. R. F. **O nascimento da bruxaria**. São Paulo: Imaginário, 1995.

RUSSELL, J; ALEXANDER, B. **História da Bruxaria**. São Paulo: Leigh, 2019.